



BARRACO 22

No Acampamento Jair Antônio da Costa, 200 famílias, como a de Ana Maria, de 7 anos, lutam por uma vida mais digna longe das lonas pretas

TEXTO E FOTOS GREYCE VARGAS

“Eu gosto de ser sem-terra!” Essa frase fechou os dois dias que participei da rotina do Acampamento Jair Antônio da Costa, às margens da BR-386, em Nova Santa Rita. E ela não foi dita por um dos homens ou mulheres que lutam há vários anos pelo seu pedaço de terra, de onde possam tirar o seu próprio sustento e viver com dignidade e não debaixo de uma lona preta. A frase foi dita por uma menina sorridente, que está trocando os dentes. Ana Maria é uma menina cheia de energia que se encarregou, junto com sua família, de me mostrar o acampamento, contar como é a rotina de quem vive no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e, principalmente, mostrar um lado da sua história que normalmente não é contado. História essa que encontra aqui espaço para se apresentar de modo peculiar.

Cerca de 200 famílias se dividem, neste acampamento, em grupos, e assim cuidam da saúde, da produção de alimentos, da força de trabalho, da escola, da biblioteca, da articulação política e da comunicação. Maria, a mãe da menina, faz parte do grupo da produção e, assim, ajuda no que diz respeito à alimentação de todos. O marido, Gringo, algumas vezes está no grupo que faz a segurança, noutras é “escalado” para trabalhar fora do acampamento e, assim, obter dinheiro que contribui para o complemento das necessidades que o governo não custeia.

Um dia de luta

Para quem segue pela BR-386, as três bandeiras do MST que balançam com o vento em frente ao acampamento evidenciam que ali está mais um grupo de famílias que luta por terra. E lutar por terra no Rio Grande do Sul parece estranho

quando temos tantos espaços próprios para agricultura. Mas o Estado, ao invés de ter uma divisão justa dessa terra, chega a ter latifúndios com mais de dez mil hectares, como era o caso da Fazenda Southal, em São Gabriel, na fronteira oeste. Depois de uma luta intensa, o MST conseguiu que cinco mil hectares fossem desapropriados e garantiu o assentamento de 270 famílias. Destas, pelo menos cem saíram do Jair Antonio da Costa. Outras 200 ficaram.

A história deste acampamento começou em setembro de 2005, na cidade de Nova Hartz. Meses depois, os sem-terra foram despejados e se alojaram numa área comunitária num dos assentamentos de Nova Santa Rita. Quase quatro anos depois, eles vivem um novo drama. Um promotor conseguiu na Justiça o fechamento das escolas itinerantes, um modelo de educação criado há 12 anos que previa que as salas de aula se deslocassem junto com o movimento e, assim, as crianças não perdessem o ano. As manifestações contrárias foram tão fortes



que o Ministério Público voltou atrás e as escolas itinerantes retomaram a sua rotina. Logo depois, em abril deste ano, o Judiciário coordenou uma ação que ordenava que as famílias fossem novamente despejadas. Cheguei ao acampamento quando faltavam apenas três dias para o prazo final dado, e reuniões eram realizadas para que pudessem pensar em formas de lutar pelo espaço que ocupam. Enquanto isso, um grupo produzia trincheiras para dificultar o acesso da polícia.

A organização

"Segunda, quarta e sexta, tem reunião", explica Gringo. "O pessoal se encontra na bandeira, faz a formatura, depois a gente vai para reunião com os núcleos de base e terminamos com gritos de ordem." Assim começa o dia dos acampados. Os encontros acontecem na bandeira localizada na área central do acampamento. Ali, eles se encontram para discutir as tarefas da semana e as novas atividades que surgem e avaliar o desempenho e as dificuldades do grupo. Para marcar o fim das reuniões, um grito é dado por todos: "Pátria Livre, venceremos!". Em seguida, os sem-terrinha, grupo formado pelas crianças, soltam a voz: "Bandeira, bandeira vermelhinha, o futuro da nação está nas mãos dos sem-terrinha".

Nas terças e quintas-feiras, Maria participa das atividades especiais para mulheres. "Quando eu estava lá fora, minha vida era cuidar das crianças e aqui eu aprendi que a mulher tem capacidade para lutar por alguma coisa. Eu não tenho estudo e, por isso, as pessoas não têm respeito por nós."

Nenhum dos barracos deste acampamento tem luz, cada espaço é iluminado com velas e candeeiros. Mas isso não chega a ser um problema perto das dificuldades que eles têm que enfrentar na área da saúde. A farmácia interna disponibiliza xarope, pomada, curativos, tudo feito pelas mulheres de forma artesanal. No entanto, é nas situações mais sérias que enfrentam adversidades. "Muitas vezes nós somos menosprezados até dentro dos postos de saúde da cidade", salienta Gringo ao lembrar-se da primeira vez que participou do MST, no Paraná. A filha mais velha passou por vários problemas de saúde e, em função das dificuldades para tratar a menina, ele e a família optaram por sair do movimento.

As crianças e as famílias

Maria e Gringo depositaram no MST um sonho que foi tomando conta de toda a família. Eles trabalhavam no Paraná como camponeses, mas sempre quiseram ter a sua própria terra e assim entraram para o MST. "Mas a gente teve que sair por causa de saúde." Tempos depois, mudaram-se para um dos bairros mais violentos de Canoas, no Rio Grande do Sul. Quem já viveu situações de grande violência se impressiona com o cuidado que um tem pelo outro e que todos têm pela segurança do acampamento. "Aqui é o lugar mais protegido de tanta coisa", diz Maria, justificando a volta da família para o MST.

Andrei, o filho do meio, pela idade, deveria estar cursando a quinta série, mas acabou de passar para a segunda. "Aqui eu passei no colégio e vou todo dia, depois eu brinco e ajudo o pai





e a mãe”, expressa o menino. Viver acampado, num espaço restrito, onde sua casa é um barraco, pode parecer um limitador, mas para aquelas crianças é um lugar seguro, onde podem estudar a partir daquilo que vivenciam. Segundo a mãe, a escola atrai mais os filhos pela forma diferente com que os educadores ensinam, mas principalmente porque ali eles não são discriminados. “Até da produção da merenda eles participam. Eles não chegam lá na escola e só, é diferente para melhor, porque aqui eles participam de todo o processo”, comenta.

Apesar de terem voltado ao movimento e estarem felizes pela escolha de abandonar “lá fora”, Maria e Gringo confessam que a luta é cansativa e que não é fácil enfrentar as pessoas que os consideram “baderneiros”. “Meu maior sonho é lutar pela terra e formar meus filhos. Não quero jogar eles na enxada.”

Enquanto isso, as crianças, com sua típica curiosidade, me rodeiam, sedentas por compreender os equipamentos que uso, e prontas para contar como é viver dentro do acampamento. “Aqui a gente é tudo da mesma família”, conta Andrei.

O final do dia é marcado pelas rodas de amigos. “Uma das coisas boas é isso, a gente mora perto, os vizinhos vão se juntando, tomando mate”, relata Maria já trazendo a cuia para a roda a fim de me aproximar desse momento de integração. E para “dar uma animada”, o núcleo da comunicação coloca músicas na rádio do acampamento, que nada mais é do que uma sala com equipamentos de som e algumas caixas penduradas em postes que levam notícias e músicas do movimento para os acampados.

O dia vai caindo e o tempo vai avisando que é hora de me despedir de todo esse universo por detrás das trincheiras, dos bonés e bandeiras vermelhas. O que vi neste acampamento é um espaço libertador. As crianças se sentem livres para aprender, para brincar, para aproveitar as características da idade. Os homens se sentem livres para lutar pelo melhor para sua família, para aprender uma função nova e, principalmente, para conhecer uma força que geralmente fica escondida. As mulheres estão livres para serem fortes, assumirem posições que geralmente não podem e para ver sua família batalhar por algo melhor e justo. Uma verdadeira lição de união e vida.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Passei dois dias neste acampamento do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra em Nova Santa Rita. Esperava ver uma realidade diferente e queria entender a lógica de uma família e, principalmente, de uma comunidade que vive nesse “outro tipo de sociedade”. Embora tenha convivido com uma família linda, que mostrou o quanto a sua luta é importante e que ter o seu grupo unido faz com que a luta seja ainda mais gratificante, a

realidade lá é dura. Imagine ter como teto da sua casa uma lona preta remendada? Ainda assim, foi uma lição de vida ver as crianças contentes por participar do movimento e ali aprender coisas que, como eles dizem, lá fora não teriam oportunidade. Foi uma grande lição ver que mesmo diante de tantas dificuldades eles ainda encontram forças para seguir lutando pelos seus sonhos e por um futuro melhor para os meninos e meninas do MST.